www.psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento publicado em 12.06.2016

HOMOSSEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE – MUDANÇAS E DESAFIOS

2015

Luigi Sturaro Guimarães
Estudante do 10º semestre de psicologia - Centro Universitário jorge Amado, Salvador – BA (Brasil)

Email:
luigi_sturaro@hotmai.com

RESUMO

O presente trabalho visa identificar as principais mudanças que vem ocorrendo no cenário brasileiro atual no que se refere á homossexualidade e a forma como isso impacta na vida de adolescentes com esta orientação sexual, partindo desde a família, religião, política, rede de amigos e sociedade como um todo. No artigo são levantadas diversas problemáticas quanto a busca pelo empoderamento e as formas de enfrentamento frente a discriminação e estigma que ainda se mantém em tempos atuais perante a este grupo. Estas mudanças são diversas e avanços nos mais variados campos vem ocorrendo, porém diversos fatores negativos e estigmatizados são mantidos milenarmente, o que dificulta inclusive o processo de auto aceitação da homossexualidade nestes indivíduos. Existe um longo caminho a ser percorrido em direção ao respeito, tolerância, conquistas de direitos e debate sobre a pluralidade da diversidade sexual. Neste sentido o trabalho se propõe a atualizar o que a academia já produziu referente a temática e construiu-se se de cunho de pesquisa bibliográfica e natureza qualitativa

Palavras-chave: Homossexualidade, adolescência, contemporaneidade, preconceito.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

1. INTRODUÇÃO

A sociedade vem passando por mudanças constantes e cada vez mais rápidas, onde valores e costumes são reciclados, revistos e aprimorados. Em contrapartida, grande parcela da população ainda se mantém com um enfoque tradicional e pouco disposta a aceitar mudanças, principalmente quando a temática envolve a sexualidade. Ao abordarmos um tema tão polêmico como o proposto, mesmo nos dias atuais, percebe-se que existe grande resistência por parte da sociedade e um alarmante número de adolescentes que não querem ser gays, ou não se aceitam como são, afetando a vida no campo físico, social e psíquico.

Segundo Osório (1992) a sexualidade é uma das marcas mais importantes da fase da adolescência, onde a identidade sexual estará em formação e exposta a diversas novidades e mudanças. Os hormônios estão aflorados, o corpo em constante mutação, os estímulos são novos, as relações e feixes de interação aumentam e junto a tudo isso o jovem adolescente tende a perceber seus primeiros traços quanto a gostos e inclinações sexuais. Nesse momento, para muitos destes, inicia-se uma fase de sofrimento e repressão, deles para consigo próprios e da sociedade como um todo. Sociedade esta que historicamente se mantém hegemonicamente com comportamentos tido como normais e aceitáveis apenas os heterossexuais, onde são esperados comportamentos padronizados e que não fujam as "leis da vida", ou "ordem natural" desta.

Partindo desse pressuposto, não são raros os casos onde estes adolescentes se veem repreendidos de manifestarem os seus desejos e gestos em público, onde religiões os mandam para o mais ardente dos infernos e sociedade age normalmente de forma discriminatória frente a comportamentos homoafetivos manifestados em público. Acima de qualquer coisa, os próprios familiares muitas vezes não os acolhem, sendo estes levados a viver de forma exclusa, escondidos e sem esta importante rede de apoio. Nem mesmo no lar se sentem seguros e protegidos e por vezes se veem obrigados inclusive a sair de casa, isso quando não são expulsos.

Nesta perspectiva, Costa (1986) diz que diante de tanta pressão, adolescentes homossexuais acabam por passar por conflitos internos e tendo dificuldade de aceitar sua orientação sexual. Neste caso, a gravidade se da de forma mais severa, pois não querem ser excluídos dos seus grupos, muito menos desapontar familiares ou fugir às regras construídas pela humanidade e que se perpetuam á séculos. Desta forma, adolescentes homossexuais se veem com poucas alternativas e pouco empoderados para irem de encontro a todo o sistema montado, gerando grande sofrimento, repressão e não sendo raro o ato extremo de suicídio.

Em contrapartida, diversas mudanças vêm ocorrendo no cenário atual quanto à auto aceitação de adolescentes homossexuais, impactando diretamente na forma como estes jovens lidarão com seu próprio existir. Movimentos e políticas públicas quanto à inserção e asseguramento de direitos

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

civis, trabalho de conscientização e avanços por parte da mídia, maior liberdade de debates abertos sobre a temática, além do apoio por parte de grupos LGBT que vem lutando arduamente por igualdade e respeito.

As circunstâncias que levam parte dos adolescentes homossexuais a terem dificuldade de se auto aceitarem, segundo Costa (1986) são oriundas de diversas exposições de uma sociedade preconceituosa, onde durante toda a sua vida, vem interferindo de forma a inibir expressões comportamentais, dificultando seu modo de agir e até mesmo de pensar. Desta forma, boa parte dos adolescentes tende a se adapta à sociedade que pertence, e se enquadrar ao parâmetro pré-estabelecidos pela mesma, gerando assim repressão, sofrimento, baixa autoestima. Não são raros os adolescentes que constroem relacionamentos heterossexuais apenas para manter o padrão e até se autoenganarem.

Diante do disposto, o presente trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica e de natureza qualitativa, que de acordo com Gil (1946) define que a Pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, sendo que a pesquisa explicativa tem como principal preocupação identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, explicando o porquê e a razão das coisas.

A metodologia utilizada incluiu a análise de artigos que tratam a proposta da homossexualidade e a autoaceitação em adolescentes, além de estudar os avanços quanto a direitos e lutas por uma maior aceitação por parte da sociedade, bem como a manutenção e até possíveis retrocessos prejudiciais a esta parcela da população.

Para a realização do presente Artigo, foram coletados através de dados no indexador eletrônico SciELO em Revistas regidas de Língua Portuguesa de Psicologia, com Qualis avaliado de B1 a A1. A partir daí foram coletados trabalhos através dos descritores: adolescência, homossexualidade, discriminação, contemporaneidade, etc.

Depois de uma leitura aprofundada de todos os artigos encontrados, foram selecionados 12 artigos que mais se enquadravam com o tema proposto, desta forma foram excluídas publicações que se afastaram do tema abordado. Como critério de inclusão, foi estabelecido que os artigos devessem ter sido publicados no período correspondente de janeiro de 2000 a março de 2015. A preferência por artigos publicados entre 2000 e 2015 destinou-se a envolver apenas publicações recentes, a fim de verificar de maneira mais fiel a produção contemporânea e produzir um trabalho consistente. Não foram feitas delimitações em relação ao tipo de delineamento metodológico das publicações.

2. ADOLESCÊNCIA – FASE DE CONSTRUÇÃO

Ao definirmos o conceito, segundo Schoen-ferreira; Aznar-farias; Silvares (2010), a palavra adolescência vem do latim adolescere, que expressa o sentido de crescer. Neste sentido, Schoen-ferreira; Aznar-farias; Silvares (2010) entendem a adolescência como o salto em direção a si mesmo, como ser individual e único. Havendo por tanto um movimento de crescimento, tanto intelectual e nas suas relações, como físicas.

Aznar-farias; Silvares (2010, apud Formigli, Costa & Porto, 2000) dirá que a adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção na sociedade adulta. Desta forma podemos perceber que é uma fase marcada pela transição e novas descobertas, uma espécie de preparação para a vida adulta.

De acordo com Schoen-ferreira; Aznar-farias; Silvares (2010), nos adolescentes ocorrem mudanças biológicas da puberdade que são universais e visíveis, modificando as crianças, dando-lhes altura, forma e sexualidade de adultos. Quando o indivíduo chega à adolescência, é confrontado com novos papéis, oportunidades e responsabilidades (Schoen-ferreira; Aznar-farias; Silvares, 2009 apud Sprinthall & Collins, 1999). Nesta fase, parte desse grupo já percebe sua orientação e inclinação sexual.

Os adolescentes, ao desenvolverem-se cognitiva e socialmente, estão mais propensos a reconhecer que existem muitos caminhos possíveis além dos trilhados por seus pais (Schoen-ferreirA; Aznar-farias; Silvares, 2009). Segundo o mesmo, os adolescentes adquirem a capacidade de pensar e passam a ter maior responsabilidade e noção mais clara sobre a importância dos seus atos. Além disso, para Schoen-ferreira; Aznar-farias; Silvares (2009, apud Sprinthall & Collins, 1999), os adolescentes desenvolvem a capacidade de perceber e argumentar com maior elaboração.

Nesse processo de construção, empoderamento e com um mundo cheio de escolhas, Tomé, et al. (2011), relata que a família tem um papel fundamental no desenvolvimento global da criança e do adolescente na educação, na socialização, na prestação de cuidados, na transmissão de crenças e valores e, de um modo geral, na saúde e bem-estar dos seus elementos.

Schoen-ferreira; Aznar-farias; Silvares (2009) salienta em seu trabalho que as modificações corporais ocorridas levam os adolescentes a terem um corpo de adulto e acabam interferindo nas relações interpessoais, fazendo com que os pais comecem a tratar o filho de acordo com seu corpo, conversando com ele questões mais profundas e delegando responsabilidades que acreditam que o jovem tenha condições de suportar.

Ainda de acordo com Tomé, et al. (2006, apud Corsano, Majorano, & Champretavy, 2011), é visível que as relações interpessoais têm grande importância durante a adolescência,

especialmente para o seu bem-estar psicológico de modo que a insatisfação com as relações interpessoais pode levar a sentimentos de solidão e de infelicidade.

Segundo Taquette (2004), é na adolescência, período crítico do desenvolvimento da sexualidade, que geralmente ocorre o primeiro contato sexual com envolvimento genital, porém, podem ocorrer manifestações sexuais entre pessoas do mesmo sexo que estão se descobrindo, experimentando o que é ser homem e/ou ser mulher. São meninas que trocam confidências, carinhos com suas amigas, e meninos que buscam parceiros para brincadeiras e vivências.

Porém Schoen-ferreira; Aznar-farias; Silvares (2010, apud Berger & Thompson, 1997; Bianculli, 1997; Martins, Trindade, & Almeida, 2003; Santos, 2005) acreditam que essas mudanças, entretanto, não transformam, por si só, a pessoa em um adulto, sendo necessárias outras, mais variadas e menos visíveis, para alcançar a verdadeira maturidade que é evidenciada nas alterações cognitivas, sociais e de perspectiva sobre a vida, fazendo com que a adolescência seja uma época de grandes transformações e repercutindo não só no indivíduo, mas em sua família e comunidade.

De acordo com Schoen-ferreira; Aznar-farias; Silvares (2010, apud Brasil, 2007), a adolescência é definida como um período biopsicossocial que compreende, segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (1965), a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos, também sendo esse o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

A família é fundamental nesta fase de descobertas e transição e Schoen-ferreira; Aznar-farias; Silvares (2009) reafirma isso e observou em seu trabalho que os adolescentes partem dos valores familiares para enfrentarem a tarefa da construção da identidade, desta forma acabam a tomar como base seus padrões familiares, que muitas vezes são confrontados com os seus próprios, surgindo conflitos e repressões.

3. RELIGIÃO E O TABU DA HOMOSSEXUALIDADE

A história da humanidade sempre foi marcada por um padrão heteronormativo, onde o individuo estava inserido num padrão de identidade coletivo, regido por regras, sem grandes possibilidades de questionamentos, onde cada um tinha com clareza sua responsabilidade com o mundo. Ribeiro; de-Farias (2014) diz que maioria destas regras, se não todas elas, eram embasadas na lei de Deus, ou o que a palavra pregada pelo cristianismo dizia. Desta forma os indivíduos se viam passivos, sem possibilidades de questionamentos a igreja que detinha quase todo o poder.

Por outro lado, segundo Ribeiro; de-Farias (2014), as práticas homossexuais na Antiguidade, eram toleradas, encorajadas e exigidas; não eram vistas como tabu, imoralidade, pecado ou doença,

porém passaram a ser tratadas assim após a popularização do Cristianismo. Os preceitos deste importante grupo religioso consideram qualquer ato não procriador como pecado, ocorrendo uma visão sob o prisma das Ciências Biológicas e da Medicina, que deram caráter de doença a esta expressão da sexualidade, no século XIX.

No avanço cronológico, a ciência ganhou espaço e de acordo com Ribeiro; de-Farias (2014, pag93, apud Naphy, 2006; Pedrosa, 2006; Guimarães, 2009), a visão patológica de desvio mental e sexual teve seu fim na década de 1970, tendo colaboração da Psicologia, cujas teorias sugeriam que a homossexualidade era o resultado de um processo desastroso, uma anormalidade de comportamento e uma inversão sexual. Até no final da década de 1970, era proposta a "cura" da homossexualidade por meio de tratamentos psiquiátricos e psicológicos, como a terapia de aversão.

Em 1973, depois de rever estudos que indicavam que a homossexualidade não se enquadrava nos critérios utilizados para categorizar as doenças mentais, a Associação Americana de Psiquiatria retirou o homossexualismo do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Dessa forma a Organização Mundial de Saúde (OMS) deixou de considerar a homossexualidade como doença. Sendo que no Brasil, somente em 1991, o Código de Ética Profissional do Psicólogo, Art. 2º, alínea "b", aponta que é vedado ao psicólogo induzir convicções quanto à orientação sexual, apenas em 2005, se mantendo presente no atual código de ética Conselho Federal de Psicologia (2005), Art. 2º.

Influências religiosas marcaram e ainda afetam o modo de pensar e agir da sociedade contemporânea, e Ribeiro; de-Farias (2014, pag98 apud Pedrosa, 2006; Guimarães, 2009) apontam que os atos homofóbicos têm forte influência dos dogmas religiosos judaico-cristãos, que concebem a homossexualidade como pecado e como conduta antinatural. Especialmente por não permitir a reprodução de outros seres humanos, a Igreja Católica ainda insistia que os descendentes deveriam estar dentro de um modelo familiar heterossexual e o contrário seria considerado imoral e antinatural. De toda forma, Bordini; Sperb (2012, apud Meyer, 2000;; Louro, 2001), em uma determinada cultura, existem padrões femininos e masculinos, nos quais se instituem o que é ser homem e o que é ser mulher, abrindo expectativas e normas que orientam o indivíduo quanto às características, aos comportamentos, às atividades, femininas e masculinas.

4. HOMOSSEXUALIDADE E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA

A família representa um importante grupo social que influencia e é influenciado pelos individuos que os compõe, regido por regras e valores, geralmente verticalizados. Deste modo Schoen-ferreira; Aznar-farias; Silvares (2009) observou que mirar-se nos adultos que são significativos e importantes para o adolescente talvez seja mais fácil e demande menos trabalho psicológico para a construção da identidade. Dizendo que a homossexualidade é constituída por

grande parte socialmente e só pode ser entendida dentro de um contexto social e histórico dinâmico. Scardua; Filho (2006). Dessa forma Scardua; Filho (2001, apud Abric, 2006), diz que as representações sociais são uma organização de opiniões, atitudes, crenças e informações determinadas pelos sujeitos, seu contexto e seus vínculos.

De acordo com Taquette (2004 apud Remafedi, 1987; Mott, 1996) é difícil para um adolescente assumir-se homossexual devido ao medo de rejeição e à discriminação existente no meio social e na família, como revelam algumas pesquisas. Por este motivo muitos homossexuais não se expõem e se isolam, tentando se defender da violência homofóbica e da repressão que parte do próprio clã familiar.

Na construção de estratégias para camuflar sua verdadeira orientação sexual, Henrique; Isabel (2005, apud I. Meyer, & L. Dean, 1998:161) afirmam que a homofobia internalizada consiste na canalização para o self do próprio homossexual de todas as atitudes de valor negativas, levando à desvalorização desse self, resultando em conflitos internos e baixa autoestima. Diante disto, fica novamente evidenciado que ações discriminatórias quanto à condição homossexual são impressas a todo tempo em adolescentes, onde o comportamento destes é moldado, acarretando sofrimento das mais variadas ordens.

Neste sentido, segundo Santos (2013), as noções de família e sexualidade são categorias socialmente construídas e dessa forma carregam historicamente as tensões e marcas dos embates teóricos e metodológicos que acompanham os processos sociais, culturais e políticos. De modo que o autor Lacerda; Pereira; Camino (2002, apud Almeida e Crillanovick 1999), reafirma que ser homossexual assumindo no Brasil ainda é uma questão muito complexa, que envolve diversas variáveis, mesmo havendo um movimento de maior flexibilidade quanto a aceitação desta orientação sexual em tempos atuais.

O medo da violência, tanto dos pais quanto dos adolescentes é um dos grandes problemas quanto a aceitação da homossexualidade. Segundo Gouveia, et al. (2011, apud Toro-Alfonso & Varaz- Díaz, 2004) gays e lésbicas fazem parte de um grupo minoritário que algumas vezes è rechaçado na sociedade, sofrendo de discriminação e injustiças inclusive por familiares. Neste sentido, percebe-se novamente o estigma e quantidade constante de estereótipos negativos e discriminatórios quanto a este grupo, em especial a adolescentes, que ainda se mostram mais frágeis, quando comparados a adultos.

Neste sentido, na sociedade atual, a homofobia é exercida por meio do incentivo ao castigo, à hostilidade, ao preconceito e à reprodução de forma caricatural dos comportamentos homossexuais nos meios de comunicação. A família e a escola ampliam ideias negativas quanto à homossexualidade na medida em que adolescentes “aprendem” a desmerecer e diminuir o homossexual, dessa forma elas reproduzem atitudes homofóbicas aprendidas e replicadas por gerações, afetando diretamente estes indivíduos.

Existem diversos relatos de adolescentes homossexuais que expressam o sofrimento ainda na infância, ao se perceber diferente da maioria, se culpam, escondem-se e sofrerem sozinhos. Estas crianças ainda nos dias de hoje não veem contos infantis com casais gays. Além disso, são raras as instituições de ensino que tenham uma abordagem direta e horizontal sobre o ser gay e a pluralidades da sexualidade.

O autor Henrique; Isabel (2005, apud Herek & Berril, 1992, citado por Williamson, 2000), acredita que o assumir da sexualidade e o desenvolvimento de uma identidade gay bem integrada, podem ser indicadores da redução da homofobia internalizada, onde o próprio sujeito se recrimina e sabota-se por medo, sendo que nestas circunstâncias, o não revelar da sua homossexualidade pode ser um processo adaptativo particularmente válido para aqueles que vivem em locais isolados e não podem ter acesso a infraestruturas sociais afirmativas ou que têm famílias e amigos altamente homofóbicos, dificultando ainda mais o processo de autoaceitação e coragem para expor quem verdadeiramente é no que cerne sua sexualidade.

Quanto a construção da discriminação familiar, Ribeiro; de-Farias (2014, pag97/98, apud Junqueira, 2009; Pocahy & Nardi, 2007; Pereira; Leal, 2002; Newcomb & Mustanski, 2010; Mott, 2003; Junqueira, 2009; Pedrosa, 2010), a homofobia se caracteriza também pela desqualificação de todos que não correspondem ao ideal normativo da sexualidade, ou seja, a heterossexualidade, sendo vistas como desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade ou pecado.

Em boa parte, os homossexuais obtêm sentimentos de vergonha e culpa. Dessa forma eles evitam exposição pública, desenvolvendo sentimento de inadequação que podem contribuir para o desenvolvimento enfraquecido de habilidades sociais, reafirmando novamente a importância de uma base familiar que os acolha. Pais intolerantes, extremamente religiosos ou que empregam grandes sonhos nos seus filhos em perpetuar o que lhe foi ensinado tendem a aceitar com maior dificuldade a sexualidade deste adolescente, e mesmo atualmente havendo maior tendência de aceitação, ainda é um tabu falar sobre a sexualidade num modo geral.

5. MUDANÇAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE

Diferentemente de séculos anteriores, onde as leis da sociedade eram regidas pela igreja, atualmente as pessoas tem maior liberdade sobre seus atos, e a ciência, que prova a cada dia que a homossexualidade não é uma patologia, ou algo que desmereça ou diminua o indivíduo, passa a desmistificar este estigma que foi perpassado por anos erroneamente. Inclusive o Conselho Federal de Psicologia deixou de considerar a homossexualidade como transtorno psicológico em 1985, antes mesmo da Organização Mundial de Saúde. Neste sentido, vários avanços são possíveis de ocorrer, e uma vez que este individuo não é mais visto pela ciência como doente, ou portador de algum distúrbio, ele tende a sair do lugar de excluso, ou vítima.

Porém, mesmo com este avanço, de acordo com Taquette (2004, apud Neinstein & Cohen, 1996; Committee on Adolescence, 1998; Remafedi, 1991) em função da discriminação social em torno da prática homossexual, o adolescente, temendo ser rejeitado, esconde muitas vezes sua condição sexual. São comuns nos adolescentes o isolamento social e emocional, evasão escolar, uso de álcool e drogas, transtornos alimentares, conflitos familiares, fuga de casa, prostituição, delinquência, violência, depressão e até mesmo suicídio.

Santos (2013) enfatiza que apesar da proliferação de espaços de "tolerância homossexual" em vários lugares do mundo nas últimas décadas e de algumas conquistas legislativas, não foi capaz de alterar significativamente concepções desfavoráveis e limitadas sobre homossexualidade que continuam sendo difundidas na sociedade.

Hoje ainda vemos muitos jovens com o sentimento de vergonha e até medo de expor os seus afetos e sentimentos em locais públicos ante os diversos casos de agressão e homofobia em diversas partes do mundo. Segundo dados da Policia Federal, a cada hora, um gay sofre violência no Brasil, revelando ainda que denúncias crescem 460% em 2015.

A Secretaria Nacional de Direitos Humanos mostra que registros de homofobia saltaram de 1.959 em 2011 para 6.000 mil casos este ano. Estes dados são alarmantes e reforçam novamente a necessidade de políticas públicas e maiores intervenções quanto a esta lastimável realidade.

De acordo com Santos (2013, apud Adelman, 2000; Louro, 2001; Watson, 2005) está havendo uma transformação sociocultural importante ao nível de contextos de vivência homossexual, ainda que de forma lenta. Lacerda; Pereira; Camino (2002, apud Frank e McEneaney 1999) constataram nos últimos 20 anos, entre 86 nações, uma tendência à descriminalização das relações entre pessoas do mesmo sexo.

Contudo, também observaram uma variedade entre o tratamento das relações homossexuais, enquanto em alguns países a Constituição assegura direitos aos homossexuais, noutros as mesmas praticas são punidas severamente. Constata-se então um paradoxo, onde países avançam exponencialmente no que se refere à prática de discriminação contra homossexuais, enquanto outros ainda mantém, inclusive pena de morte para quem praticar um ato homossexual.

O Estado Islâmico que é um grupo religioso terrorista vem assassinando centenas de homossexuais da forma mais perversa e desumana possível, apenas por punição e verem a prática como abominável de acordo com a religião deles. Faz-se necessário o avanço de políticas públicas efetivas e asseguramento de direitos básicos comuns à humanidade, onde nenhum indivíduo possa ser discriminado pela sua raça, sexualidade ou religião.

No que cerne os avanços e conquistas de grupos gays, e com interferência no modo com o qual os adolescentes lidarão futuramente com sua sexualidade, Pereira, et al. (2013, apud Bailey, Dobrow, Wolfe, & Mikach 1995; Flaks, Ficher, & Masterpasqua, 1995; Golombok & Tasker 1996; Picazio, 1998), apesar de existir ampla evidência empírica mostrando ausência de diferenças no

desenvolvimento e na socialização de crianças educadas por famílias homoparentais ou por famílias heterossexuais, ainda é forte a rejeição a esse tipo de adoção.

Neste movimento, segundo Santos (2013, apud Perroni e Costa 2008), um dos desdobramentos mais notáveis é que a homossexualidade vem adquirindo nas últimas décadas o questionamento do conceito tradicional de família, uma concepção excludente, que privilegia um único modelo de família, sendo uma fonte geradora de conflitos, preconceitos e estigmatizações em relação a qualquer outro arranjo familiar que destoe desse padrão considerado "natural" e "correto".

Sabendo-se da execução de diversos estereótipos negativos quanto às práticas homossexuais, Santos (2013) salienta que as experiências homossexuais por serem vividas em sua maioria no espaço privado, diminuem as chances de reconhecimento social das mesmas, o que implica em uma menor consolidação no espaço público de um conhecimento mais favorável a respeito da homossexualidade.

De acordo com Pereira, et al. (2013), um importante exemplo da mudança que ocorre na sociedade é a decisão, tomada em 5 de maio de 2012 pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que considera a união homoafetiva como regime jurídico da união estável, além disso o STF também legitimou essa união como entidade familiar, o que garante direitos formais aos casais homossexuais de todo o país no que tange à herança e à adoção.

Ainda em maio de 2012, a comissão de juristas que discute a reforma do Código Penal no Senado aprovou a proposta que criminaliza o preconceito contra gays, transexuais e transgêneros, porém o texto ainda não foi submetido à aprovação pelo Congresso Nacional, embora isso represente um importante passo em direção ao combate à violência contra minorias sexuais.

Recentemente o Congresso Nacional Brasileiro, com forte empenho da base evangélica aprovou o conceito de família como sendo unicamente regido por pessoas formados por gêneros distintos, reafirmando assim a forte discriminação mantida no Brasil e gerando conflitos e divergências de opiniões. Esse tipo de decisão realça o retrocesso em que ainda vivemos e de alguma forma é mais um reforçador no que cerne o sofrimento psíquico de adolescentes brasileiros.

Grupos que lidam com a defesa e proteção de homossexuais problematizam com frequência a questão dos direitos e violência no Brasil; (2013, apud Grupo Gay da Bahia, 2011), diz que apesar da legitimação das relações homoafetivas pelo sistema jurídico brasileiro, a situação das minorias sexuais é crítica no Brasil visto pelo fato da homofobia ter sido a motivação de 250 casos de assassinatos registrados em 2010, o que coloca o Brasil em primeiro lugar no ranking desse tipo de crime, ficando muito à frente do México, com 35 assassinatos, e dos EUA, com 25. Esses números refletem a gravidade e urgência de medidas que previnam práticas discriminatórias e sobre tudo de cunho criminoso.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Mesmo com dados alarmantes de violência, debates abertos quanto à diversidade sexual são cada vez mais comuns, e gradualmente, este grupo vem ganhando espaço e voz. De acordo com Santos (2013, apud Andrade & Ferrari, 2009; Mello, 2005; Passos, 2005; Perelson, 2006; Salomé, Espósito, & Moraes, 2007; Tavares, Souza, Ferreira, & Bomtempo, 2010; Toledo, 2008; Zambrano, 2006), há um cenário mutável, onde a homossexualidade é uma das categorias que mais têm gerado debates e possibilitado a ascensão de diferentes discursos e sentidos na contemporaneidade.

Segundo Santos (2013) no início de 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união estável entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, sendo que em outros países, como na Argentina e Portugal, em 2010, foi aprovado o casamento de homossexuais, decisão já reiterada em outros países desde 2001, quando o País Baixo tomou a mesma decisão, tornando-se o primeiro país no mundo a permitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Gouveia, et al. (2011, apud Basow & Johnson, 2000), diz que os comportamentos sexuais e afetivos que não obedecem tal distinção (compostos por homens e mulheres) são vistos como ameaças aos valores e papéis tradicionais da família. Esta polêmica é bastante problematizada quanto à bancada fundamentalista do Congresso Nacional e todos os partidos políticos que trabalham com o retrocesso, agindo arduamente de modo impedir e dificultar avanços no que cerne os direitos dos homossexuais.

Ainda em 2015 a bancada evangélica aprovou em pleito o conceito de família como sendo exclusivamente formada por homens e mulheres, e atos como este geram uma série de discussões e embates em diversas áreas da sociedade, que ainda hoje se mantém dividida, sendo boa parte a favor da manutenção da tradição, e outros buscando o reconhecimento por seus direitos.

Devido a diversos exemplos mencionados que dificultam o processo de autoaceitação da homossexualidade no Brasil, Segundo Ribeiro; de-Farias (2014, pag100, apud Caixeta, 2007; Lasso, 1998; Nascimento, 2010; Pereira & Leal, 2002; Costa, 1994; Mott, 2003; Müller, 2000), o preconceito e a homofobia são comportamentos praticados pela “cultura homofóbica” que reprovam ou ridicularizam a figura homossexual, gerando sentimentos negativos quanto à sexualidade.

Por conta disso, parcela dos homossexuais buscam expressar sua sexualidade em grupos ou lugares exclusivos para gays, lésbicas e bissexuais, onde ficam longe do controle heterossexual, muitas vezes existindo o medo de eventualmente serem descobertos e discriminados, fazendo com que nesses casos a homossexualidade seja mantida em segredo.

A importância ao combate da discriminação e avanços quanto ao processo de autoaceitação da homossexualidade dos adolescentes se dá principalmente no sentido da conscientização e acesso amplo às informações inclusive que dizem respeito a saúde.

De acordo com Taquette (2004, apud Saweyc et al., 1998; Remafedi, 1987) relata que é de suma importância que os profissionais que atendem adolescentes entendam o desenvolvimento da identidade homossexual, isso porque muitos gays e lésbicas não têm comportamentos estereotipados e sim desempenham um papel típico do gênero a que pertencem, o que lhes permite manter velada sua orientação sexual.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discriminação ao homossexual é histórica e se dá a séculos, uma vez que qualquer manifestação sexual sem fins de reprodução foi e ainda é bruscamente condenada. A religião, principalmente as fundamentadas no cristianismo sempre foram marcadas pela marginalização e condenação dos homossexuais, pois embasados em escrituras, o ato é tido como pecado e até mesmo uma abominação, segregando e excluindo este grupo da maioria dos grupos religiosos, e quando são aceitos, são conduzidos ao caminho de uma pseudo cura, ou de manutenção e repressão dos desejos sexuais homoafetivos. Além da religião, a família, rede de amigos e sociedade como um todo vem colaborando para tal.

Ainda que diversos aspectos tenham avançado no que se refere ao empoderamento de grupos homossexuais, inclusive de adolescentes, é notório o estigma e repressão. A discriminação ainda é forte e mesmo que a sociedade esteja caminhando para um caminho rumo a maior flexibilidade e aceitação das mais variadas formas de expressão da sexualidade, ela se apresenta em parte significativa homofóbica, que agem de modo a diminuir, desmerecer, agredir e muitas vezes julgando-os como promíscuos, pecadores, anormais.

A problemática fica mais evidente na fase da adolescência, uma vez que é geralmente neste período que o indivíduo começa a perceber que traços da sua sexualidade difere do que é tido como normal. Neste momento o apoio da rede de amigos e principalmente familiares faz-se fundamental para a construção de uma identidade sexual bem definida, gerando menos sofrimento e segregação do próprio ser.

Mister o que foi colocado por diversos autores citados, viver sob pressão e regido por um padrão heterocentrado pode gerar uma série de sofrimentos e marcas na vida do adolescente. Estes jovens muitas vezes não encontram apoio nem mesmo da família e acabam por se sentir excluídos, com baixa autoestima e até marginalizados, não sendo raros os casos de agressão e até assassinatos o qual este grupo está exposto, apenas por relacionarem-se de forma diferente da que é tida como padrão.

A questão da criminalização da homofobia ainda é um fator que está em trâmite no congresso e pouco avançou. Dados alarmantes mostram que mata-se muitos jovens no Brasil devido a sua

homossexualidade, são pessoas intolerantes que utilizam das formas mais variadas para agredir e executar o homossexual. Neste sentido, medidas drásticas e eficazes devem ser tomadas para que num futuro próximo essa realidade seja modificada e possamos viver num país mais tolerante.

A luta dos homossexuais é histórica e vem buscando respeito, tolerância e o direito de viver como são. Avanços como direito ao registro de união estável concedido pelo Supremo Tribunal Federal, adoção por casais do mesmo gênero, direito de homossexuais receberem pensão pela morte do cônjuge e maior empenho da mídia na busca de tolerância a diversidade sexual é uma realidade e fundamental neste movimento, mas a problemática ainda é grave e faz-se necessária a manutenção e aumento da luta por mais direitos e igualdade.

Este trabalho faz-se necessário de modo a atualizar e trazer para academia a discussão referente ao assunto que constantemente vem sofrendo mudanças, avanços e retrocessos, uma vez que a grande maioria se encontra limitada quanto ao tema, ou antiquada. De acordo com o explicitado, é de suma importância a atualização da realidade dos jovens brasileiros no que cerne a vida sexual e os desafios dos adolescentes homossexuais na contemporaneidade.

Diante do disposto fica evidenciado a importância de avanços ainda mais significativos quanto a evolução política, social e midiática no que cerne o combate à discriminação de adolescentes homossexuais no Brasil e no mundo. Este grupo sofre nas mais variadas esferas da sua vida e em parte significativa ainda vivem exclusos, à margem da sociedade, reprimindo seus comportamentos e tentando se moldar a uma sociedade de padrão heterossexual.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, G. S. & SPERB, T. M. Concepções de Gênero nas Narrativas de Adolescentes. 2012

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa – 4. Ed. – São Paulo : Atlas, 2002

GOUVEIA, V. V., SOUZA, L. E. C., VIONE, K. C., CAVALCANTI, M. F. B., SANTOS, W. S. & MEDEIROS, E. D. Motivações para Responder sem Preconceito: Evidências de uma Medida Frente a Gays e Lésbicas. 2011

HENRIQUE, P., ISABEL, P. L. Medindo a homofobia internalizada: A validação de um instrumento. 2005

LACERDA, M., PEREIRA, C., CAMINO, L. Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais. 2002

MADUREIRA, A. F. A., BRANCO, A. M. C. U. Identidades Sexuais Não-hegemônicas: Processos Identitários e Estratégias para Lidar com o Preconceito. 2007

PEREIRA, C. R., TORRES A. R. R., FALCÃO L., PEREIRA A. S. O Papel de Representações Sociais sobre a Natureza da Homossexualidade na Oposição ao Casamento Civil e à Adoção por Famílias Homoafetivas. 2013

RIBEIRO, M. R.; DE-FARIAS, A. K. C. R., Skinner vai ao cinema 2. Brasília, Instituto Walden4, 2014

SANTOS, Y. G. S., SCORSOLINI-COMIN, F. & SANTOS, M. A. Homoparentalidade Masculina: Revisando a Produção Científica. 2013

SCARDUA, A., FILHO, E. A. S. O Debate sobre a Homossexualidade Mediado por Representações Sociais: Perspectivas Homossexuais e Heterossexuais. 2006

SCHOEN-FERREIRA, T. H., AZNAR-FARIAS, M., & SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos Séculos. 2010

SCHOEN-FERREIRA, T. H., AZNAR-FARIAS, M., & SILVARES, E. F. M. Desenvolvimento da Identidade em Adolescentes Estudantes do Ensino Médio. 2009

TAQUETTE, S. R., VILHENA, M. M., SANTOS, U. P. P., BARROS, M. M. V. Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos. 2004

TOMÉ, G., CAMACHO, I., MATOS, M. G. & DINIZ, J. A. . A Influência da Comunicação com a Família e Grupo de Pares no Bem-Estar e nos Comportamentos de Risco nos Adolescentes Portugueses. 2011